



TRANS 16 (2012)
RESEÑAS/ REVIEWS

Maria de São José Côrte-Real (org.): *Revista Migrações 7. Número Temático.*

***Música e Migração.* Lisboa: ACIDI, 2010. 298 pp. 43 figuras. ISSN: 1646-8104. ¹**

Resenha de Juliana Braz Dias (Universidade de Brasília / University of Pretoria)

Revelar a potencialidade da música na desconstrução de fronteiras e na promoção de experiências conciliadoras em contextos migratórios é o principal objetivo de *Música e Migração*. Em edição bilíngue (português/inglês), a obra é um número temático da revista *Migrações*. Reúne doze trabalhos acadêmicos (seção I – “Investigação”), nove “Programas e Referências de Boas Práticas” (seção II) e nove “Notas e Artigos de Opinião” (seção III). Maria de São José Côrte-Real é a responsável pela organização da coletânea. Investigadora filiada à Universidade Nova de Lisboa (Instituto de Etnomusicologia), Côrte-Real tem desenvolvido pesquisas na interface entre música, educação e migração.

O volume aborda várias realidades sociais: da música afegã na Austrália aos migrantes portugueses nos Estados Unidos. Diversa também é a formação de seus colaboradores: músicos, investigadores, professores e produtores culturais, entre outros. A reunião de um conjunto tão variado de colaboradores justifica-se pela natureza da revista *Migrações*. Concebida como uma revista científica, a publicação revela, contudo, certa hibridéz. É parte de sua política editorial a

¹ Disponível em versão digital em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_7/Migracoes7_PT.pdf.

Los artículos publicados en TRANS-Revista Transcultural de Música están (si no se indica lo contrario) bajo una licencia Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 2.5 España de Creative Commons. Puede copiarlos, distribuirlos y comunicarlos públicamente siempre que cite su autor y mencione en un lugar visible que ha sido tomado de TRANS agregando la dirección URL y/o un enlace a este sitio: www.sibetrans.com/trans. No utilice los contenidos de esta revista para fines comerciales y no haga con ellos obra derivada. La licencia completa se puede consultar en <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/es/deed.es>

All the materials in TRANS-Transcultural Music Review are published under a Creative Commons licence (Attribution-NonCommercial-NoDerivs 2.5) You can copy, distribute, and transmit the work, provided that you mention the author and the source of the material, either by adding the URL address of the article and/or a link to the webpage: www.sibetrans.com/trans. It is not allowed to use the contents of this journal for commercial purposes and you may not alter, transform, or build upon this work. You can check the complete licence agreement in the following link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/es/deed.en>



divulgação conjunta de trabalhos não científicos, dando voz a outros atores sociais. *Migrações* é um produto do Observatório da Imigração, criado no âmbito do ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural) e integrado na administração do Estado português. O número temático *Música e Migração* nasce do trabalho conjunto do Observatório e de uma investigadora vinculada à Universidade Nova de Lisboa. Na introdução ao volume, Côrte-Real já anuncia este duplo vínculo da obra, manifesto na preocupação em articular abordagens características das ciências sociais com decisões políticas incidentes na problemática da imigração. A iniciativa é relevante e atual. A aproximação entre as ciências sociais e o campo das políticas públicas vem recebendo destaque nos últimos anos (Okongwu e Mencher 2000). Porém, o diálogo proposto em *Música e Migração* é apenas um passo rumo ao estabelecimento de maior conexão entre teoria e prática. Indicativo disso é a divisão do volume em seções, mantendo ainda separados os trabalhos científicos (seção I) e os textos referentes a experiências de caráter prático (seções II e III).

A relação entre música e migração já desperta a atenção de etnomusicólogos há algum tempo. É mesmo possível vincular tal temática à discussão fundamental sobre a capacidade da música de promover coesão social –debate recorrente na etnomusicologia, pelo menos desde Merriam (1964)–. Muitos migrantes encontram na música uma prática capaz de reforçar a unidade do grupo, como nos revela o trabalho seminal de Mitchell (1956) sobre a dança kalela nos contextos urbanos da antiga Rodésia do Norte. Os estudos sobre migração e música estão intimamente associados a um olhar sobre as cidades. Adelaida Reyes (1999), pioneira no estudo da música entre refugiados, é também associada à emergência de uma etnomusicologia urbana. A música apresenta-se como via de acesso à experiência de populações migrantes em cidades multiculturais, especialmente no que toca aos processos de construção de identidade (Allen e Wilcken 2001). Através da música, grupos migrantes rompem o poder silenciador das metrópoles, fazendo-se ouvidos em suas vivências (Turino 1993; Coplan 1995; Glasser 1997).

Em *Música e Migração*, o papel da música na construção de pertencimentos é uma questão que entrecorta os artigos. Dan Lundberg abre a primeira seção do volume com uma análise de experiências musicais (entre curdos, turcos, bósnios e irlandeses na Suécia) para argumentar que o reconhecimento da música como marcador étnico não pode conduzir à percepção dos músicos como portadores desse símbolo. Imigrantes da ex-Iugoslávia e Turquia voltam a aparecer em outros dois artigos. Ursula Hemetek observa práticas musicais de imigrantes em Viena, organizando-as em cinco categorias: práticas internas; folcloristas; guetos públicos; *world music*; e atividades *mainstream*. Tal distinção entre cenas musicais conforme o tipo de público a que se

destina é frequente nos estudos sobre música e migração (por exemplo, Zheng 1990). O artigo de Dieter Christensen remete aos imigrantes curdos, em um sofisticado estudo sobre transformação, tendo como base longo trabalho de campo no Norte do Curdistão e em Berlim. Revela mudanças nos padrões de performance relacionadas à imigração, bem como aos conflitos que atingiram as comunidades curdas e às ações do movimento nacionalista pan-curdo. O autor insere o debate sobre música, migração e identidade em um contexto marcado por relações de poder.

Susana Sardo igualmente adentra a discussão sobre identidade e poder para tratar da música, neste caso entre os goeses, durante a história colonial e em comunidades diaspóricas do presente. A autora destaca o papel das práticas musicais como elemento de conciliação, servindo hoje como uma estratégia de manutenção da própria comunidade goesa. Tal papel conciliador volta a aparecer no artigo de Jorge Castro Ribeiro. A partir da observação de grupos de batuque cabo-verdiano em Portugal, a música é apresentada como ferramenta de promoção da sociabilidade entre migrantes e como estratégia de apresentação do grupo à comunidade de acolhimento, atuando como “antídoto à experiência de hostilidade” (p. 102) que marca a vida dos imigrantes. Vale comparar tal discussão a outro artigo da coletânea, em que Marcello Sorce Keller argumenta que o comportamento musical pode ser um indicador de integração social (ou de exclusão) por parte da comunidade migrante. O que Castro Ribeiro nos oferece, porém, é um caso exemplar em que as práticas musicais revelam-se mais do que mero reflexo de outras esferas da vida social; a música é um elemento transformador. Este é um tema fértil na etnomusicologia. Como afirmam Baily e Collyer (2006), muita coisa pode acontecer através da música em contextos migratórios.

Sílvia Martínez também remete à questão da identidade. A autora aponta para o uso do cinema *bollywood* na construção de uma imagem dos imigrantes indo-paquistaneses ao mesmo tempo tradicional e moderna, adequada à vivência nas comunidades de acolhimento em Barcelona e Las Palmas. De fato, a literatura vem mostrando que populações migrantes precisam adaptar suas novas experiências à memória trazida do lugar de origem, conjugando tempos e espaços distintos. Isto pode ser observado, por exemplo, no caso da música bhangra (Banerji 1988). É o que também revela o artigo redigido pela organizadora Côte-Real. Com foco em um evento frequentado por portugueses nos EUA, a autora demonstra a interação entre antigas narrativas nacionalistas geradas no Estado Novo em Portugal e novas representações da identidade portuguesa fundadas na vivência em contexto migratório.

Música e Migração permite ao leitor acompanhar não apenas experiências de populações

em deslocamento, mas também o reflexo de processos migratórios em sociedades receptoras, como pode ser observado no artigo de John Baily. Baseado em investigação realizada em Melbourne e Sidney, o autor faz detalhado relato da produção musical da comunidade afegã, argumentando que ela tem certo impacto na sociedade de acolhimento, inspirando a produção de compositores australianos contemporâneos. A relação entre os migrantes e a comunidade de acolhimento aparece ainda no artigo de Jorge de La Barre. O autor discute a interação entre as músicas e as cidades, com foco em Lisboa, onde se percebe uma tendência a reconectar o mundo lusófono através de narrativas de inclusão e promoção do “outro”. O artigo de Mark Naison também vem somar aos estudos sobre música e lugares (Stokes 1994), com uma narrativa da vida musical no Bronx, em sua atmosfera multicultural e criativa. Por fim, a primeira seção encerra-se com um artigo de Jean-Michel Lafleur e Marco Martiniello sobre a pertinência política da música como fator de mobilização de populações migrantes.

Na segunda seção do volume, a palavra-chave é “ação”. Trata-se da divulgação de iniciativas, quase todas elaboradas a partir de Portugal, com o intuito de promover educação para a cidadania por meio da relação entre música e migração. Godelieve Meersschaert apresenta a Associação Cultural Moinho da Juventude (Grande Lisboa), voltada para a promoção de direitos dos migrantes. O produtor cultural Miguel Magalhães discorre sobre o programa “Próximo Futuro”, dedicado à arte contemporânea em África, América do Sul, Caribe e Europa. O bailarino Júlio Leitão apresenta o Batoto Yetu, projeto de educação infantil por meio de expressões artísticas africanas, em Lisboa, Nova Iorque e Luanda. O pianista Alexei Eremine escreve sobre sua experiência no ensino de música numa escola profissional em Portugal. João Jorge apresenta o OriAzul, uma banda que desenvolve trabalhos em escolas de vários países africanos. O músico Carlos Martins apresenta a Associação Sons da Lusofonia, dedicada aos povos de língua portuguesa. Carla Soares Barbosa discorre sobre o projeto “Contos com Música... Música com Contos”, voltado para a formação de público infantil e juvenil. Ana Fernandes Ngom e Lídia Fernandes apresentam o MigraSons –programa de rádio em Lisboa com discussões sobre migração–. Ngom descreve ainda o projeto “Putos que ata Cria”, que busca sensibilizar os jovens quanto ao respeito pela diversidade.

A terceira seção apresenta maior variedade de foco. O antropólogo Jorge Murteira remete ao grupo de origem cabo-verdiana “Danae & os novos crioulos”. A gestora cultural Paula Nascimento traz as memórias do África Festival (Lisboa) e J. A. Fernandes Dias apresenta o AFRICA.CONT, centro voltado para a criação cultural africana contemporânea. Também aqui a

educação ganha destaque: Mafalda Rego discorre sobre o ensino de música em Viana do Castelo (Portugal); Maria Fragoso Costa (em coautoria com Côrte-Real) apresenta o projeto Mussi, implementado em uma escola de Loures (Portugal); e Maria Isabel Elvas anuncia outro projeto de educação musical, denominado Orquestra Geração. A seção inclui ainda duas notas de pesquisa: Luisiane Ramalho menciona uma investigação sobre a questão multicultural na educação e, em seguida, Bart Vanspauwen refere-se a uma pesquisa sobre a integração de músicos lusófonos em Lisboa. Por fim, destaco o comentário do brasileiro Gustavo Roriz, que relata como a condição de músico profissional levou-o a conseguir um visto para viver em Portugal.

Todos os artigos da coletânea remetem, de alguma maneira, à importância da música para a negociação de identidades. Seguem, assim, longa tradição na etnomusicologia. Bruno Nettl (1979: 76) já apontava como um “paradigma em construção” a ideia de que a música é um “significativo emblema de identidade cultural”. Na mesma linha, Côrte-Real menciona o caráter “congregacional” da música (p. 15) e afirma que o estudo de fenômenos musicais revela “estratégias de inclusão, integração, adaptação e aceitação” (p. 11). Há, porém, no conjunto da obra, uma lacuna quanto a outras possibilidades relacionadas à música no encontro com a diferença. Os fenômenos musicais podem revelar também exclusão e conflito. Afinal, falar de identidade é tratar de fronteiras. A música pode romper barreiras ou criá-las —é o que demonstram estudos de relevo (Johnson e Cloonan 2009; O’Connell e Castelo-Branco 2010)—. Em situações de encontros interculturais, a música pode trazer harmonia ou ser instrumento de violência. A literatura recente vem sugerindo, portanto, um discurso alternativo àquele apresentado no volume; o contato intensificado com a alteridade em um mundo globalizado não necessariamente leva à maior aceitação da diferença (Born e Hesmondhalgh 2000).

Em conclusão, *Música e Migração* não traz abordagens teóricas inovadoras referentes às práticas musicais em contextos migratórios. Sua contribuição para a comunidade acadêmica está no vasto material empírico que oferece, somando aos estudos já existentes sobre música, migração e identidade. Ademais, a obra serve como inspiração para uma etnomusicologia aplicada. Ainda que a proposta de conjugar teoria e prática não tenha levado a um diálogo mais consistente entre os autores que colaboraram no volume, a leitura conjunta desses textos revela um desafio para a academia na busca de maior integração com a sociedade em geral.

Referências

Allen, Ray e Wilcken, Lois (orgs.). 2001. *Island Sounds in the Global City: Caribbean Popular Music and Identity in New York*. Champaign: University of Illinois Press.

Baily, John e Collyer, Michael. 2006. "Introduction: Music and Migration". *Journal of Ethnic and Migration Studies* 32(2): 167-182.

Banerji, Sabita. 1988. "Ghazals to Bhangra in Great Britain". *Popular Music* 7(2): 207-213.

Born, Georgina e Hesmondhalgh, David (orgs.). 2000. *Western Music and its Others: difference, representation, and appropriation in music*. Berkeley: University of California Press.

Coplan, David B. 1995. *In the Time of Cannibals: The Word Music of South Africa's Basotho Migrants*. Chicago: University of Chicago Press.

Glasser, Ruth. 1997. *My Music Is My Flag: Puerto Rican Musicians and Their New York Communities, 1917-1940*. Berkeley: University of California Press.

Johnson, Bruce e Cloonan, Martin. 2009. *Dark Side of the Tune: Popular Music and Violence*. Farnham: Ashgate.

Merriam, Alan P. 1964. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press.

Mitchell, J. Clyde. 1956. *The Kalela Dance*. Manchester: Manchester University Press.

Nettl, Bruno. 1979. "Paradigms in the History of Ethnomusicology". *College Music Symposium* 19(1): 67-77.

O'Connell, John M. e Castelo-Branco, Salwa E.-S. (orgs.). 2010. *Music and Conflict*. Urbana: University of Illinois Press.

Okongwu, Anne F. e Mencher, Joan P. 2000. "The Anthropology of Public Policy: Shifting Terrains". *Annual Review of Anthropology* 29: 107-124.

Reyes, Adelaida. 1999. *Songs of the Caged, Songs of the Free: Music and the Vietnamese Refugee Experience*. Philadelphia: Temple University Press.

Stokes, Martin (org.). 1994. *Ethnicity, Identity and Music: the musical construction of place*. Oxford: Berg.

Turino, Thomas. 1993. *Moving Away from Silence: Music of the Peruvian Altiplano and the Experience of Urban Migration*. Chicago: University of Chicago Press.

Zheng, Su de San. 1990. "Music and migration: Chinese American traditional music in New York City". *The World of Music* 32(3): 48-67.

Cita recomendada

Braz Dias, Juliana. 2012. Reseña de “Maria de São José Côrte-Real (org.): *Revista Migrações 7. Número Temático. Música e Migração*”. TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review 16 [Fecha de consulta: dd/mm/aa]